

## **LINDA, UMA HISTÓRIA HORRÍVEL: A LITERATURA ENCONTRA O VÍRUS DA AIDS**

Fernando Oliveira MENDES\*

*O dorso é avermelhado e em tudo há um sabor  
Estranhamente horrível, notam-se, a rigor,  
Particularidades que demandam lupa...*  
(Rimbaud, 1995, p. 25)

Nos últimos anos a AIDS vem fazendo-se cada vez mais presente na literatura nacional e internacional:

O tema tem sido usado como metáfora de um mundo que se esgota e, no entanto, resiste ao extermínio. De Susan Sontag a Caio Fernando Abreu, os escritores estão desmistificando a doença que um dia já foi chamada de “câncer gay” e hoje em dia é uma epidemia universal. Tanta tragédia não poderia mesmo passar ao largo da Literatura. Afinal, antes mesmo da escrita o homem já pensava o mundo em relatos orais, versificados ou não (Ribeiro Neto, 1996, p. 8).

Na literatura brasileira a AIDS vem manifestando-se em autores como Silviano Santiago (*Uma história de família*, 1992), Bernardo Carvalho (*Aberração*, 1993), Alberto Guzik (*Risco de vida*, 1995), Jean-Claude Bernardet (*A doença, uma experiência*, 1996) e principalmente Caio Fernando Abreu. Como aponta Guzik:

---

\* Aluno do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara - SP.

Muitos artistas estão reagindo à doença, é uma tematização como a que Dumas fez da tuberculose em “A dama das camélias” (...). Não sei se há uma tendência, o que acontece é que as pessoas estão reagindo à doença e expressando suas visões. A arte é uma das melhores terapêuticas. (Guzik, 1996, p. 4)

Considerado pelo crítico Marcelo Secron Bessa como o escritor brasileiro que por mais vezes figurativizou<sup>1</sup> a AIDS, Caio Fernando Abreu incluiu-a em diversos textos seus que vão de *Pela Noite*, uma das três novelas do livro *Triângulo das águas* (1983), a certos contos de *Os dragões não conhecem o paratso* (1988) e *Ovelhas negras* (1995), além de diversas crônicas jornalísticas e do romance *Onde andaré Dulce Veiga?* (1990), onde ocorre “uma história de amor entre dois contaminados” (Abreu, 1995a, p. 5). Na peça teatral *Zona contaminada* (1982), que “não por acaso” foi escrita no “ano zero da proliferação da AIDS no Brasil” (Castello, 1994, p. 3), uma personagem chama a atenção para o fato de outra ter “a Peste” embora a doença esteja “em seus estágios iniciais” (Abreu, 1997, p. 66). Outro texto escrito para o teatro, *O homem e a mancha* (1994), é uma “livre releitura do Dom Quixote, de Miguel de Cervantes” (Abreu, 1997, p. 95), no qual a mancha funciona como “uma metáfora para as marcas deixadas pela Aids” (Ferreira, 1996, p. 4). No filme *Romance* (1988), que tem Abreu como um dos roteiristas, uma personagem morre “misteriosamente, possivelmente de AIDS” (Ewald Filho, 1988, p. 13).

Além de tornar a AIDS manifesta em vários textos seus, Abreu é o tradutor brasileiro do conto *Assim vivemos agora*, uma das ficções mundiais pioneiras na abordagem da doença, publicada pela norte-americana Susan Sontag, em 1986.

Provavelmente devido a este exercício de “biógrafo das emoções contemporâneas” (Abreu, 1995b), Abreu reivindica para si o título de criador da “primeira ficção brasileira sobre AIDS” (Abreu, 1995a, p. 5) com o conto *Linda, uma história horrível*, do livro *Os dragões não conhecem o paratso*. Em vista deste seu posicionamento, o livro será privilegiado neste estudo da (des)construção da AIDS operada pela literatura.

*Linda, uma história horrível* não foi o texto introdutor da AIDS na ficção brasileira, pois Bessa mostra o engano de Abreu ao afirmar que:

---

<sup>1</sup> Secron utiliza o termo “tematizou”, que, por dele discordarmos, estamos substituindo por “figurativizou”.

No Brasil (...) a AIDS surgiu na literatura (...) na novela "Pela noite", de Caio Fernando Abreu. A doença como tema, porém – ou, pelo menos, a tentativa de inscrevê-la como tal –, apareceu em 1987, no romance *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos*, de Herbert Daniel. Este romance, no entanto, não foi a primeira tentativa de analisar a epidemia de HIV/AIDS. Em 1983 – ano do primeiro caso de AIDS diagnosticado no Brasil –, o escritor já publicara um pequeno ensaio sobre a epidemia, no anexo intitulado "A síndrome do preconceito", do livro *Jacarés e lobisomens* (1983), coescrito com Leila Miccolis. Sua incursão na ficção e AIDS, se dá porém com *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos*. (Bessa, 1997, p. 78-79).

A fala de Bessa torna necessário esclarecer a diferença existente entre figurativizar e incluir a sigla AIDS num texto literário. Na novela *Pela noite*, Abreu utiliza a sigla duas vezes, porém nenhuma das personagens manifesta a doença; já em *Linda, uma história horrível* a sigla não é escrita, entretanto a personagem principal está contaminada pela AIDS. Por esta razão, Abreu pode ser considerado apenas o primeiro autor nacional a utilizar a sigla e não o precursor da figurativização da doença, pois seu conto *Linda, uma história horrível* foi antecipado pelo livro de Daniel, *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos*.

Apesar da sigla AIDS não ser sequer mencionada em *Linda, uma história horrível*, o narrador vai nos dando informações sobre a debilitada saúde do protagonista, e então somos convidados (convocados?), enquanto leitores, a interagir com a construção do sentido do texto. A volta inesperada à cidade natal desse solteiro beirando os quarenta anos, após longo período de ausência, sua magreza e perda de cabelos notados pela mãe no instante do reencontro e, principalmente, as manchas púrpura em sua pele, nos dão a certeza de ser esta personagem um portador do mortal vírus.

A opção de Abreu pela quase total eliminação da sigla AIDS em seus textos é compartilhada por outros autores brasileiros:

Se nos textos de [Herbert] Daniel, a sigla é escrita e reescrita inúmeras vezes, quase todos outros escritores vão pelo caminho oposto, utilizando-se da elipse da sigla. Muitas vezes, mesmo com a elipse, a doença é facilmente identificável; outras, nem tanto. Logo, o que se vêem são

textos onde ela é sutilmente sugerida (*Uma história de família*, 1992, Silviano Santiago), onde é facilmente subtendida (os contos “A valorização” e “Atores” do livro *Aberração*, de 1993, de Bernardo Carvalho), ou mesmo metamorfoseada em outra doença (*Vinho da noite*, 1994, de Caio Fernando Abreu). Nos textos de Caio Fernando Abreu que abordam a AIDS, a não-nomeação é uma ordem. Em todos eles, a AIDS é subtendida em maior ou menor grau, mas quase nunca a sigla é escrita. As exceções são as duas rápidas vezes em “Pela noite”, uma em “Dama da noite” (conto de *Os dragões não conhecem o paraíso*), e uma em *Onde andarás Dulce Veiga?*, o que praticamente não conta. (Bessa, 1997, p. 81)

Jean-Claude Bernardet, porém, vem engrossar o coro comandado por Herbert Daniel quando o narrador de seu livro *A doença, uma experiência* declara: “Digo AIDS, e não digo doença, digo Sou Aidético, e não digo Estou doente ou sou portador do HIV. Já que estamos com AIDS, pelo menos que se viva a doença com intensidade” (Bernardet, 1996, p. 35). Sinal de que nas narrativas brasileiras mais recentes sobre AIDS a doença está passando a ser vista de outra forma, que foi percebido que “pronunciar o nome da doença é sinal de saúde, sinal de que a gente aceitou ser do jeito que é, mortal, vulnerável, não um privilegiado, sinal de que estamos dispostos (...) a lutar por nossas vidas” (Sontag, 1995, p. 31).

No conto de Abreu travamos contato com o motivo das partidas e retornos empreendidos pelas personagens, algo bastante frequente em sua produção literária, não se restringindo a *Linda, uma história horrível*:

O cosmos ficcional criado por Caio Fernando Abreu se particulariza por conter personagens para as quais o futuro não significa nada. Quando elas partem, estão fugindo; quando retornam, estão se preparando para reencontrar a morte: a de um ente querido, como em *Visita*, a própria, como em *Linda, uma história horrível*. É flagrante a ausência de um projeto existencial, circunstância coerente com o fato de os heróis constituírem seres sem identidade. (Zilberman, 1992, p. 141)

Entre padecer e morrer só numa outra cidade e entrar em contato com a amarga mãe, esse inominado prefere a segunda opção. Mesmo encontrando uma acolhida fria em seu retorno a Passo da Guanxuma, a

disjunção deste amor “que antigamente não compreendia”, mas “agora tantos anos depois, aprendera a traduzir como que-saudade, seja-bem-vindo, que-bom-ver-você ou qualquer coisa assim” (Abreu, 1988, p.14), parece-lhe a pior escolha.

Ao estreitar os laços familiares, depara-se com a decadência física e material:

O motivo pelo qual a AIDS não é nomeada, sempre apresentada aos poucos e por pistas, deve-se a um objetivo mais amplo do conto: discutir a solidão, a finitude da vida e a devastação provocada pelo tempo, não só através do protagonista que está com AIDS, mas também através da mãe dele e da cadela Linda. (Bessa, 1997, p. 102)

O animal já soma quinze anos de vida, sarnento, apresenta manchas rosadas sob os pêlos, semelhantes às deixadas no peito do homem pelo Sarcoma de Kaposi e “da cor antiga do tapete na escada” (Abreu, 1988, p. 22). O ponto de intersecção entre todos está no término de suas existências, pois a mãe também possui manchas escuras, de ceratose, nas mãos, que se diferem da cor das do filho e da cadela, anunciando sua velhice e conseqüentemente a proximidade da morte, como nos outros dois. A estas três personagens associa-se a casa, “onde tudo envelhece rapidamente como a imagem dos velhos morangos<sup>2</sup> na toalha desbotada (...), remetendo a um mundo vencido, gasto” (Seffrin, 1988, p. 3), também representado pelos azulejos da cozinha manchados de gordura, por onde, vez ou outra, cruza uma barata.

O sofisticado cotidiano do filho na outra cidade, onde eram comuns as visitas a bons restaurantes e o uso de aviões em viagens, está em antítese com a simplicidade da vida da mãe, em Passo da Guanxuma, que recende a “cigarro, cebola, cachorro, sabonete, cansaço, velhice” (Abreu, 1988, p. 21). Esta oposição pode ser percebida no trecho da canção *Só as mães são felizes*, escolhido por Abreu para antecipar a ação de *Linda, uma história horrível*.

Ao utilizar parte da letra da canção, de autoria de Cazuza e Frejat (1996), Abreu reforça a observação de diversos críticos acerca da importância da música, enquanto letra de canção, na estruturação de seu texto. Ele mesmo declarou adorar “Mozart, música”, burilar “a sonoridade de” seus textos (Abreu, 1995b), assumindo sofrer maior influência de grandes

<sup>2</sup> Clara referência a um livro anterior de Abreu, *Morangos mofados* (1982).

nomes da música popular brasileira, tais como Cazuza e Rita Lee, do que do escritor Graciliano Ramos.

Na canção as mães são colocadas acima do bem e do mal por nunca terem ouvido “falar em maldição” nem chorado sozinhas “num banheiro público” (Cazuza & Frejat, 1996), distantes da discriminação imposta aos seus filhos transgressores das normas de boa conduta de uma sociedade que, a exemplo do Narciso da conhecida canção de Caetano, “acha feio o que não é espelho” (Veloso, 1988, p. 97).

Nada é mais adequado à personagem protagonista do conto, soropositiva, abandonada pelo provável namorado e pelos amigos, do que regressar para a casa da mãe, que ignora a dimensão dos problemas do filho, pois segue protegida pelo cerco de segurança familiar. As informações sobre a existência de “umas doenças novas”, (...) “umas pestes” (Abreu, 1988, p. 18) chegam pela televisão, mas são encaradas como distantes de sua simplória realidade. Ela não é relegada a permanecer à margem – como é o caso de seu filho, por não deixar descendentes, relacionar-se amorosamente com pessoas do mesmo sexo e alojar o vírus do mal deste fim de século.

A parceria estabelecida entre literatura e AIDS aparentemente perdurará por longo tempo, pois as doenças oportunistas, associadas ao outrora chamado câncer gay, continuam a ser mais velozes que as pesquisas para a descoberta de uma vacina contra tal vírus. Resta à “literatura” tentar “construir uma nova perspectiva de onde” se possa encarar a AIDS de forma mais corajosa, transformando a “linguagem” em “antivírus” (Graieb, 1996, p. 8).

### Referências bibliográficas

- ABREU, Caio Fernando. Não quero me encaixar em prateleiras. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 9 dez. 1995a. Caderno 2, p. 5. Entrevista concedida a José Castello.
- \_\_\_\_\_. Linda, uma história horrível. In: \_\_\_\_\_. *Os dragões não conhecem o paraiso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 13-22.
- \_\_\_\_\_. *Quero brincar livre nos campos do senhor*. 1995b. Entrevista inédita concedida a Marcelo Secron Bessa.
- \_\_\_\_\_. *Teatro completo*. Porto Alegre: Sulina, IEL, 1997.

- BERNARDET, Jean-Claude. *A doença, uma experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BESSA, Marcelo Secron. *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a Aids*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- CASTELLO, José. A condenação que virou alegria de viver. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 11 dez. 1994. Caderno 2, p. 3.
- CAZUZA, FREJAT. Só as mães são felizes. In: *Barão Vermelho: álbum*. São Paulo: WEA, 1996.
- EWALD FILHO, Rubens. Romance. *Nova* (São Paulo), v. 16, n. 5, maio 1988. p. 13.
- FERREIRA, Mauro. Marginais que vivem com ironia nas entrelinhas. *O Globo* (Rio de Janeiro), 11 ago. 1996. Segundo Caderno, p. 4.
- GRAIEB, Carlos. Autor usa linguagem áspera como antivírus. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 11 maio 1996. Cultura, p. 8.
- GUZIK, Alberto. In: PIRES, Paulo Roberto. A literatura encontra o vírus da AIDS. *O Globo* (Rio de Janeiro), 11 jan. 1996. Segundo Caderno, p. 4.
- RIBEIRO NETO, Amador. Aids & Literatura. *Suplemento Literário de Minas Gerais* (Belo Horizonte), n. 20, dez. 1996. p. 8.
- RIMBAUD, Jean-Arthur. Vênus Anadiômene. In: CAMPOS, Augusto de. *Rimbaud livre*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 25.
- SEFFRIN, André do Carmo. Caio: entre dragões e velhos morangos. *Jornal de Letras* (Rio de Janeiro), v. 38, n. 437, jun. 1988. Caderno 2, p. 3.
- SONTAG, Susan. *Assim vivemos agora*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 31.
- VELOSO, Caetano. Sampa. In: FRANCHETTI, Paulo, PÉCORÁ, Alcyr. *Caetano Veloso*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 97. (Literatura Comentada).
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 139-141.